

RELÓGIO D'ÁGUA

Karen

Ana Teresa Pereira



Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Título: Karen
Autora: Ana Teresa Pereira
Revisão de texto: Anabela Prates Carvalho
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)
sobre fotografia de Ana Neto

© Relógio D'Água Editores, Julho de 2016

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-628-7

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.
Depósito Legal n.º: 412165/16

Ana Teresa Pereira

Karen

Ficção Portuguesa

Capítulo 3

Uma casa em Northumberland

Emily parecia uma jovem e bonita actriz a representar uma governanta de meia-idade e pouco atraente. O rosto pálido, os olhos muito escuros, quase negros, as maçãs do rosto altas, os lábios bem desenhados, o cabelo castanho com alguns fios brancos cortado acima dos ombros e puxado para trás das orelhas. As suas roupas eram simples e escuras, os sapatos rasos. Nas séries policiais clássicas o grande actor é sempre o assassino, e quando o detective explica o motivo do crime passam tantas coisas pelo seu rosto... Ver Martin Shaw ou Anna Calder-Marshall nesses papéis pode ser uma aula de representação.

Compreendi no primeiro dia que vivíamos só os três na casa. E no entanto, por aquilo que via da janela, não era pequena. A vinha virgem crescia na parede, havia janelas dos dois lados e em cima divisava um telhado cinzento e irregular. Uma rapariga da aldeia vinha duas ou três vezes por semana fazer a limpeza, via-a descer do autocarro em frente do portão, creio que não há paragem ali, mas as pessoas conhecem-se, e depois ela é quase bonita com o seu cabelo ruivo e figura airosa. Carol.

Havia também um cão que ladrava às vezes, e que ele, Alan, levava consigo quando saía a pé ou no automóvel. Um beagle castanho chamado Sam.

Sentia, instintivamente, que não podia confiar em ninguém. Eles tratavam-me como se vivesse ali desde sempre, como se nada tivesse acontecido além de uma queda, alguns arranhões, uma distensão no tornozelo.

Mas lembrava-me da cascata...

Era algo que fazia muitas vezes. A mochila com alguma roupa, um caderno de esboços e material de pintura. Metia-me no comboio com um mapa e um livro de William, e descia num lugar desconhecido, geralmente a última estação, na entrada de uma aldeia ou perdida no meio dos campos.

Nós somos feitos das histórias que lemos em crianças. Lembro-me de uma que perdi, e voltei a encontrar anos mais tarde num alfarrabista... Uma escritora metia-se num comboio, com as suas roupas mais velhas, e descia na última estação. Uma pequena cidade industrial coberta de neve. Caminhava pela rua, absor-ta, e chocava com um rapaz de bicicleta, e caíam no chão. Ele arranjava-lhe trabalho numa fábrica e ela comprava roupa modesta e alugava um quarto nas proximidades; ele passava debaixo da janela todas as manhãs e assobiava para a acordar, e por vezes trazia-lhe flores colhidas no meio da neve, e no Natal ofereceu-lhe bonequinhas russas... Eu sempre acreditei nas histórias de amor ligeiras, a escritora que ao fim de meia manhã a trabalhar na fábrica tinha terríveis dores nas costas e o jovem operário que reconheceu uma frase sua no título de um livro, encontraram uma forma de viver juntos.

A minha ideia de amor sempre teve a ver com “a nossa mesa de trabalho”, os nossos quadros dependurados em frente uns dos outros na parede. Mas aos vinte e cinco anos nunca me tinha apaixonado. Tivera “muitas intimidades com estranhos”, acordara em quartos desconhecidos, ao lado de homens desconhecidos. Por

um momento, na primeira manhã, pensei que era isso que estava a acontecer.

Mas nada tão simples como isso.

Na cómoda havia um frasco de perfume, “Wild Rose”, alguns cosméticos, uma pequena caixa russa com a tampa pintada, um castelo numa paisagem de neve, algumas jóias bonitas mas não muito valiosas. Uma pedra-da-lua dentro de uma bolsinha de feltro, um ícone de madeira minúsculo, São Jorge e o dragão. No armário roupas que não reconheci, mas as que experimentei assentavam-me perfeitamente. Alguns vestidos de verão, camisolas, jeans de boas marcas. Ela gostava de vermelho e essa nunca foi a minha cor, vesti uma camisola vermelha de lã grossa, e o efeito do meu cabelo despenteado, a mordidela no lábio, os arranhões, a camisa branca transformada numa saia e os pés descalços tinha algo de poético e solitário. Algo de Karen.

Eles deixavam-me sozinha a maior parte do tempo. Ele trouxe-me livros, *The Glimpses of the Moon* de Edith Wharton, *Chedsy Place* de Richmal Crompton. Não li muitos romances de Richmal Crompton, encontrei alguns em alfarrabistas mas eram caros. Este parecia uma edição recente. Claro que cresci com os livros de William, continuavam a ser os meus companheiros. Karen e eu tínhamos Richmal Crompton em comum.

Também me trouxeram um leitor de CD. Van Morrison, *Astral Weeks*, Mark Eitzel, *West*, *60 Watt Silver Lining...*

— As tuas canções... — disse ele.

— Sim.

— Nunca te cansas de o ouvir.

Não Henry James e Iris Murdoch. Edith Wharton e Richmal Crompton. E no lugar da minha obsessão por Keith Jarrett, as canções de Mark Eitzel.

— Gostas dos contos de Henry James? — perguntei.

— Tu sabes que sim.

— “The friends of the friends”?

- “The altar of the dead”, “The bench of desolation”.
- Gostas do concerto a solo em Tóquio de Keith Jarrett?
Ele fitou-me por instantes.
- O de 1984?
- O de 2002.
- Estavas comigo quando o ouviste pela primeira vez.
Fez-se um silêncio demasiado longo.
- Eu conheço-o há muitos anos.
Ele encolheu os ombros.
- Se tu o dizes.

Uma manhã, Carol veio trazer-me o pequeno-almoço, o café, o sumo de laranja, as torradas acabadas de fazer, e deixou a porta só encostada. Alguns minutos depois o cão entrou e pôs as patas na beira da cama. Pareceu surpreendido e começou a ladrar. Recuei um pouco, assustada, e ouvi a voz de Alan na porta.

- Que se passa contigo?
- O cão voltou-se ao ouvir a voz do dono.
- Anda cá.
- Fê-lo sair e aproximou-se da cama.
- Ele não gosta de mim?
- Claro que sim. Não sei o que tem hoje.
- Mas vocês nunca o deixaram entrar aqui. Porque ele me denunciaria. Porque ele vos denunciaria.
- Ele olhou para o livro de Richmal Crompton.
- Estás a acabá-lo.
- Sim.
- Ainda tens cinco ou seis.
- Cinco ou seis?
- Reeditaram onze este ano.
- Onze!
- Foi o que me disseste.
- Sim, claro.
- Quando um de nós for a Londres, compra os que faltam.

— Estamos muito longe... — disse, sem o olhar.

— Northumberland fica longe de tudo. É por isso que gosto tanto de viver aqui.

Northumberland. A lembrança de livros infantis, de séries de TV. Castelos, muros de pedra, charnecas intermináveis. Porque viera para tão longe? Um comboio qualquer e a última estação. A história de sempre. E um autocarro vazio, algumas indicações num guia de viagem.

Nenhum de nós usava aliança. Não havia um único anel na caixa de jóias entre os brincos e as pulseiras de prata; como eu, Karen detestava anéis. E ele não dormia no quarto. Vinha dar-me um beijo de boas-noites, um frio beijo nos lábios. A partir daquele dia o Sam começou a acompanhá-lo, sentava-se a uma pequena distância de nós, com um ar um pouco intrigado, um pouco divertido.

Daí a alguns minutos era Emily que passava pelo quarto, trazia-me um copo de cacau e uns biscoitos feitos por ela, com um leve gosto a baunilha. Sentava-se na cadeira junto à janela e conversávamos. Depois ela pegava na chávena e no prato e saía sem olhar para trás.

Eu levantava-me depois de eles saírem. Entreabria a porta, a penumbra do corredor, ele desaparecia numa esquina ao fundo, ela descia as escadas. Voltava para a cama sentindo-me gelada e sozinha. Abria um livro para procurar calor.